

BIBLIOTECA
GEOGRÁFICA
BRASILEIRA

Publicação N.º 13

da

Série A "Livros"



Antônio Teixeira Guerra

**ESTUDO
GEOGRÁFICO
DO
TERRITÓRIO
DO
RIO BRANCO**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

Conselho Nacional de Geografia

RIO DE JANEIRO

1957

APRESENTAÇÃO

Na Amazônia fabulosa, distingue-se o território do Rio Branco por peculiaridades, que lhe imprimem feições singulares.

Desde o designativo do rio majestoso, que deu nome à região. Nenhum forasteiro lhe tinha sulcado a imensa calha, quando o ímpeto aventureiro de FRANCISCO DE ORELLANA o impeliu a navegá-lo, das encostas andinas, que galgara, a convite de GONÇALO PIZARRO, por fevereiro de 1541, até o Atlântico.

Não lhe transcorreu mansamente a peregrinação através de paragens desconhecidas. Foi-lhe mister pelear freqüentes vêzes, até com flecheiros de fartas cabeleiras, mal lobrigados à sombra do arvoredo protetor. Aos expedicionários, de imaginação exaltada, afigurou-se constituído o grupo combatente de "mulheres muito altas, corpulentas e brancas, com o cabelo trançado e enrolado na cabeça, em pêlo, mas com um ligeiro sendal, com arcos e flechas nas mãos".

Assim o registrou o cronista da expedição, frei CARVAJAL, que saiu caolho da refrega, mercê da boa pontaria de um seteiro, que lhe vazou um dos olhos.

Tecida e ampliada pelos cronistas, a façanha estonteante das amazonas cresceu com a narrativa de OVIEDO, e de RALEIGH, que lhes localizou no Tapajós os domínios, em que viviam, decididas à luta, e "ricas de baixelas de ouro, que adquiriam, em troca das cobiçadas pedras verdes".

Seriam mulheres guerreiras, como as que deram renome a Termondonte, nos confins da Capadócia, onde a fantasia poética gerou a belicosa comunidade feminina, normalmente arredia da convivência varonil.

A lenda tomaria a narrativa do frade assombrado, para organizar o Reino das Amazonas, com a sua constituição original, o regime condenatório da colaboração masculina, só tolerado periodicamente.

Daí se originou o título da região e do caudal, que lhe imprime ritmo de vida impressionante. Nessas paragens, cuja magnificência maravilha os observadores, a imaginação criadora animou as águas e as matas de seres fantásticos, acordes com a exuberância da vida animal e vegetal.

O rio Branco, todavia, abre parêntesis na imensidão umbrosa da Amazônia. Deriva-lhe da escala de côres a designação, em contraste com o Negro, a que se mistura a sua contribuição volumosa.

E em vez da floresta portentosa que só ostenta no baixo curso, singularizou-se com os seus campos desmedidos, onde não viça o arvoredo, senão esparsamente.

Fazia-se mister o estudo de suas características, do qual se incumbiu o geógrafo ANTÔNIO TEIXEIRA GUERRA, da Divisão de Geografia, a quem cabe atualmente chefiar a Secção Regional Norte.

Para metodizar as pesquisas, considerou os aspectos físicos, definidos pela geologia, morfologia e solos, pelo clima, hidrografia e vegetação, e pelos aspectos humano-econômicos, relativos ao povoamento, colonização, economia e meios de vida, transporte e comunicações.

A paisagem física permitiu-lhe distinguir três tipos principais de unidades geomorfológicas. I — região montanhosa. II — peneplano. III — planície sedimentar.

Constituída pelas serras do sistema Parima, nas extremas setentrionais, de que se avizinham a Venezuela e a Guiana Britânica, é a região mais acidentada da Amazônia Brasileira, onde o monte Roroimã se ergue à altitude de 2 875 metros e o Caburai assinala o ponto mais setentrional da fronteira brasileira, à latitude de 5°-16'19" N.

Os afloramentos de rochas arqueanas e algonquianas, entremeadas de formação diamantífera, atraíram a atenção de garimpeiros à procura da pedra cobiçada. À custa de sacrifícios sôbre-humanos afadigaram-se em sua extração, que raramente suplantarà a carestia dos gêneros de consumo, importados de mercados distantes. Lucros mais garantidos terão os "diamantários", neologismo corrente na região, que corresponde ao "capangueiro", de uso em Mato Grosso, onde por êsse termo se denominam os compradores de diamantes, acostumados ao uso do avião em suas viagens freqüentes.

Não os seduz o peneplano, ao sul e a leste, em que se dilatam os campos do território, em contraste com a morrarria, ao norte, propícia à mineração, e com a mata hileiana do baixo rio Branco, semelhante à que ensombra a maior porção da Amazônia.

Bem percebe a diferença paisagística entre as duas primeiras zonas o viajante que siga pelo meridiano.

"Depara na sua frente, assinalou GLYCON DE PAIVA, um altíssimo paredão, com algumas brechas, por onde poderá arriscar uma incursão nas altas terras situadas ao norte. São elas as bocainas por onde descem os raros rios que lá têm suas cabeceiras".

A erosão, operando de contínuo, modelou o relêvo do peneplano, em que sobressaem, à maneira de inselbergs, a serra da Lua, do Taiano, Apiau.

A vegetação rasteira, que reveste o terreno, longe estará de comparar-se ao relvado que deu nomeada aos campos criadores de outras paragens.

Bastará a laterização do solo, que o autor observou acuradamente, para maligná-lo, enfraquecendo-lhe as pastagens. Por fim, a planície sedimentar, na faixa marginal do rio Branco e do Negro, inclui essa parte do território na uniforme paisagem amazônica.

Como fecho de suas observações geomorfológicas, aventa o autor, como hipótese de trabalho, à espera de confirmação, a existência de uma grande "fossa tectônica, cuja direção geral seria N. E.-S. W, permitindo assim uma passagem entre a bacia do Amazonas e o oceano Atlântico, através do que hoje conhecemos por vale do rio Branco e do Essequibo".

O capítulo referente a "clima, hidrografia e vegetação" contém os dados que o autor conseguiu reunir, ou observar. Lembra, a propósito, que o rio Branco se denominava primitivamente Quequene ou Paraviana.

Formado pela junção do Uraricuera e Tacutu, é o afluente mais importante da margem esquerda do rio Negro, e o seu curso desenvolve-se por três segmentos diferenciados: baixo rio Branco, desde a foz até Caracará, aproximadamente 388 quilômetros, médio rio Branco, em 24 quilômetros de corredeiras, onde o rio corta as rochas do embasamento cristalino, alto rio Branco, por cerca de 172 quilômetros.

No primeiro trecho, domina a mata da hiléia, e nos outros, savanas e estepes.

“Os campos do rio Branco, afirma o autor, estendem-se por 85 000 quilômetros quadrados do território, sendo ocupados nas partes não montanhosas com a criação do gado bovino”.

Apesar de conhecidos e trilhados pelas primeiras manadas bovinas desde a última década do século XVIII, não se povoaram como seria de esperar.

As causas apontadas para explicar o definhamento da criação, derivam das queimadas, dos processos empíricos, do latifúndio, da raiva, da pobreza do solo.

Mas, as queimadas anuais, por mais nocivas que sejam, não bastariam para impedir a multiplicação dos rebanhos.

A raiva, embora dizimadora, é mal que só recentemente começou a devastá-los.

O latifúndio não obstou a formação de imensas fazendas pastoris em Mato Grosso e outros estados, onde aliás, só modernamente o empirismo vai sendo substituído, ainda em escalas diminutas, pela técnica racional. O fator principal decorrerá, sem dúvida, da carência de elementos nutritivos na forragem, que mal viça no laterito, pobre de sais necessários à alimentação dos animais.

Com o mesmo regime estabelecido pelo empirismo, e até abandonado por mais de um século, criaram-se as “vacarias” gaúchas, a ponto de fundamentar as atividades de boiadeiros, que só tinham o trabalho de pegar os animais bravios, criados à solta, e as do sul de Mato Grosso, apesar da devastação que lhes causavam os índios guaicurus, hábeis cavaleiros.

A excelência das pastagens superava a adversidade de outros fatores. No Rio Branco, porém, não pode medrar pastagem apropriada ao sustento dos bovinos, antes que se corrija a deficiência do terreno laterítico, acrescentando-lhe os elementos de que atualmente carece. Urge empreendê-lo porque, não obstante defeituosa, ainda é a pastoril a principal indústria da região, mais do que a diamantífera, inferior à qual se coloca a da extração vegetal na mata, que reveste a planície sedimentar. Aí desenvolve o homem a atividade da “coleta do látex, e da castanha principalmente”, como acentuou o autor, e, também, em menor escala, a “mariscagem”, nome regional da pesca.

Praticada no verão, pelos que se abrigam em “tapiris”, proporciona-lhes a apanha de pirarucu, fornecedora de mantas para a salga, de tracajá, de piratiba, da tartaruga, que os regatões recebem em troca de artigos importados, mediante encontro de contas, que lhes multiplicam o lucro, na compra, por ínfima cotação, e na venda, por preços exorbitantes.

Levam a mercadoria, porém, à porta dos seus clientes, favorecidos pelo regime hidrográfico do rio Branco, “definido por uma época de cheia, que corresponde ao inverno e uma de estiagem, ou seja, o verão”.

Ainda nas quadras favoráveis, as embarcações exigem hábeis práticos no trecho encachoeirado, de Caracará a Bôca da Estrada, que separa os dois outros francamente navegáveis, a montante, até Boa Vista, e a jusante, a Manaus.

De tais circunstâncias, resulta o alto custo dos fretes, que oneram em demasia o preço das mercadorias, a que se refere a afirmativa estampada na "Resenha Econômica do Banco do Brasil".

"O território é talvez a região de custo de vida mais elevado do Brasil".

O autor, que endossou a impressionante primazia, não se limitou em comentar a realidade atual.

Depois de acuradas pesquisas, que o habilitaram a conhecer pormenorizadamente o território do Rio Branco, indicou providências, que, executadas a preceito, contribuirão para lhe apressar o desenvolvimento, atenuando-lhe as condições precárias.

De breve execução, umas, de longo prazo, outras, provam o concurso da geografia para orientar o desenvolvimento da região que examine, como evidência o livro de ANTÔNIO TEIXEIRA GUERRA, a exemplo de outros da mesma série, da Biblioteca Geográfica Brasileira.

VIRGILIO CORRÊA FILHO

NOTÍCIA SOBRE O AUTOR

ANTÔNIO TEIXEIRA GUERRA nasceu no Distrito Federal a 9 de setembro de 1924. Fêz o seu curso ginasial no Colégio Independência — 1936-1940, tendo ingressado na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, no ano de 1942, onde se licenciou em Geografia-História no ano de 1945. Entrou para o Conselho Nacional de Geografia no ano de 1945. Contemplado com uma bolsa de estudos, fêz vários cursos de especialização em Geografia na Universidade de Paris, nos anos de 1947 a 1949. No ano de 1949 estagiou no Instituto Francês da África Negra, percorrendo o oeste africano desde o sul do deserto do Saara até a Guiné Portuguesa. Tem participado de vários congressos, tais como o XVI, XVII e XVIII Congressos Internacionais de Geografia realizados respectivamente em Lisboa em 1949, e em Washington em 1952 e no Rio de Janeiro em 1956, fazendo parte da delegação brasileira; XI Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em Porto Alegre em 1954, onde foi primeiro secretário da Comissão de Geografia Física; I Congresso Brasileiro de Geógrafos realizado em Ribeirão Preto, em 1954; I e III Reuniões Pan-Americanas de Consulta sobre Geografia realizadas respectivamente, no Rio de Janeiro em 1949, e em Washington em 1952, como assessor-técnico da delegação brasileira e representante do I.B.G.E. no X Congresso Brasileiro de Geografia. Tem tomado parte ativa em várias Assembléias Gerais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, da qual faz parte como sócio efetivo desde 1951. É colaborador assíduo dos periódicos do Conselho Nacional de Geografia, tendo mais de 50 artigos publicados e vários livros.

MAGISTÉRIO

- 1 — *Professor de Geografia Humana na Faculdade Fluminense de Filosofia (desde 1949).*
- 2 — *Assistente do Prof. FRANCIS RUELLAN no curso de Fotogrametria e Interpretação de Fotografias Aéreas, realizado pelo Conselho Nacional de Geografia em colaboração com o DASP (1949).*
- 3 — *Professor de Geografia Física na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1950).*
- 4 — *Professor de Geomorfologia no Curso de Aperfeiçoamento dos Professores do Ensino Secundário (1950).*
- 5 — *Professor de Geomorfologia e Interpretação de Fotografias Aéreas, no Curso de Aperfeiçoamento dos Professores do Ensino Secundário (1951).*
- 6 — *Professor do curso de Geografia do Brasil promovido pela Associação Brasileira de Educação (1951).*
- 7 — *Professor de Geografia dos solos do Brasil e de Geografia do litoral do Brasil no Curso de Informações Geográficas para o Aperfeiçoamento dos Professores do Ensino Secundário (1952).*
- 8 — *Professor de Geomorfologia do Brasil no Curso de Informações Geográficas para o Aperfeiçoamento dos Professores do Ensino Secundário (1953).*
- 9 — *Professor do curso de extensão universitária, intitulado Fundamentos Geológicos da Geomorfologia promovido pela União Fluminense de Estudantes (1953).*
- 10 — *Professor de Geografia dos Territórios Federais no Curso de Aperfeiçoamento dos Professores do Ensino Secundário (1954).*
- 11 — *Professor de Geografia Física no Curso de Informações Geográficas para o Aperfeiçoamento dos Professores do Ensino Secundário (1954).*
- 12 — *Professor de Geografia do Colégio Pedro II (1955-1956).*
- 13 — *Professor de Geografia do Ensino Técnico da Prefeitura do Distrito Federal (desde 1956).*

CONFERÊNCIAS

- 1 — *“Le Brésil” — realizada no Laboratório de Geografia Física e Geologia Dinâmica da Sorbonne — Paris, França (1948).*
- 2 — *“O litoral da África Ocidental” — realizada na Associação dos Geógrafos Brasileiros — Rio de Janeiro (1950).*
- 3 — *“A contribuição da Geomorfologia no estudo dos sambaquis” na Associação dos Geógrafos Brasileiros — Rio de Janeiro (1951).*

TRABALHOS PUBLICADOS

I — Livros

- 1 — *“Estudo Geográfico do Território do Amapá” — Biblioteca Geográfica Brasileira. Publicação n.º 10 da Série A “Livros”, Conselho Nacional de Geografia — I.B.G.E. — Rio de Janeiro — 1954.*
- 2 — *“Dicionário Geológico e Geomorfológico” — Comissão do Instituto Pan-Americano de Geografia e História — Rio de Janeiro — 1954.*
- 3 — *“Estudo Geográfico do Território do Acre” — Biblioteca Geográfica Brasileira. Publicação n.º 11 da Série A “Livros”, Conselho Nacional de Geografia — I.B.G.E. — Rio de Janeiro — 1955.*
- 4 — *“Enciclopédia dos Municípios Brasileiros” I volume — Grande Região Norte — I.B.G.E. — Rio de Janeiro — 1957.*

II — Artigos

- 1 — "O vale do Paraíba e as cidades centro de transportes" — *Revista do Comércio*, ano II, n.º 10 — 1946.
- 2 — "Terracos marinhos" — *Boletim Geográfico*, ano VII, n.º 82 — 1950.
- 3 — "O estudo das fotografias aéreas e o auxílio ao combate do complexo patogênico nas regiões intertropicais" — *Boletim Geográfico* ano VIII, n.º 86 — 1950.
- 4 — "Formação, evolução e classificação dos solos. Solos tropicais" — *Boletim Geográfico* ano VIII, n.º 88 — 1950.
- 5 — "Pequeno Glossário Geológico e Geomorfológico" — *Boletim Geográfico*, ns. 88, 90, 92, 95 e 99 — 1950-1951
- 6 — "As variações do nível do mar depois do Plioceno e métodos de estudo" — *Boletim Geográfico*, ano VIII, n.º 90 — 1950.
- 7 — "Apreciações sobre o valor dos sambaquis como indicadores de variações do nível dos oceanos" — *Boletim Geográfico*, ano VIII, n.º 91 — 1950.
- 8 — "Litoral da Africa Ocidental" — *Boletim Carioca de Geografia*, ano III, ns. 2 e 3 — 1950.
- 9 — "Contribuição da geomorfologia ao estudo dos sambaquis" — *Boletim Carioca de Geografia*, ano III, n.º 4 — 1950.
- 10 — "Contribuição ao estudo da geomorfologia e do quaternário do litoral de Laguna (Santa Catarina)" — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XII, n.º 4 — 1950.
- 11 — "Variações do nível do mar ao longo do litoral da Africa Ocidental Francesa" — Tese apresentada à 5.ª Assembléia Geral Ordinária da Associação dos Geógrafos Brasileiros, realizada em 1950 e aprovada. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, vol. IV, tomo I — 1949 — 1950.
- 12 — "Notas geográficas de uma viagem pelo oeste africano" — *Boletim Geográfico*, ano VIII, n.º 95 — 1951^s
- 13 — "Processo de Alteração dos Sedimentos e das Rochas. Laterização" — *Boletim Geográfico*, ano IX, n.º 98 — 1951.
- 14 — "Curso de Geomorfologia e Interpretação de Fotografias Aéreas" — *Boletim Geográfico*, ano IX, n.º 97 — 1951.
- 15 — "Alguns aspectos geomorfológicos do litoral amapense" — *Boletim Geográfico*, ano IX, n.º 98 — 1951
- 16 — "Notas sumárias de Geologia Histórica" — *Boletim Geográfico*, ano IX, n.º 100 — 1951.
- 17 — "Noções gerais sobre as relações entre rochas, solos e climas" — *Boletim Geográfico*, ano IX, n.º 102 — 1951.
- 18 — "Reflexões em torno de uma geografia da laterização" — *Boletim Geográfico*, ano IX, n.º 103 — 1951
- 19 — "Notas sobre a alteração dos granitos e formação de alguns tipos de solo" — *Boletim Geográfico*, ano IX, n.º 105 — 1951.
- 20 — "Alguns Aspectos Geográficos da Cidade de Rio Branco e do Núcleo Colonial Seringal Empresa (Território do Acre)" — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XIII, n.º 4 — 1951.
- 21 — "Notas sobre alguns sambaquis e terraços do litoral de Laguna (Santa Catarina)". Tese apresentada à 6.ª Assembléia Geral Ordinária da Associação dos Geógrafos Brasileiros realizada em 1951 e aprovada. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros* — Vol. V, tomo I, 1950 — 1951. Artigo transcrito no *Boletim Paulista de Geografia*, n.º 8 — 1951.
- 22 — "Importância da Alteração Superficial das Rochas" — *Boletim Geográfico*, ano X, n.º 106 — 1952.
- 23 — "Importância da laterização para as construções feitas pelos engenheiros de Obras Públicas na faixa costeira do Amapá" — *Boletim Geográfico*, ano X, n.º 107 — 1952.
- 24 — "Alguns Aspectos do Território Federal do Amapá" — *Boletim Geográfico*, ano X, n.º 108 — 1952.
- 25 — "A Moderna Geografia no Brasil" — *Boletim Geográfico*, ano X, n.º 109 — 1952.
- 26 — "Notas sobre o resultado de quatro análises de laterito encontrado no território federal do Guaporé" — *Boletim Geográfico*, ano X, n.º 110 — 1952.
- 27 — "Considerações Concernentes às Regiões Tropicais" — *Boletim Geográfico*, ano X, n.º 111 — 1952.
- 28 — "Contribuição ao estudo da geologia do território federal do Amapá" — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XIV, n.º 1 — 1952.
- 29 — "Formação de Lateritos sob a Floresta Equatorial Amazônica (Território Federal do Guaporé)". Tese apresentada ao XVII Congresso Internacional de Geografia realizado em Washington em 1952 — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XIV, n.º 4 — 1952.
- 30 — "A População do Território Federal do Amapá e a Importância das Atividades Econômicas na sua Distribuição". Tese apresentada ao XVII Congresso Internacional de Geografia realizado em Washington em 1952. Publicação avulsa da Imprensa Oficial do Território do Amapá — 1952.
- 31 — "Laterização das rochas e solos do território federal do Amapá". Tese apresentada ao XVII Congresso Internacional de Geografia realizado em Washington em 1952.
- 32 — "Aspectos Geográficos Gerais do Território Federal do Guaporé" — *Boletim Geográfico*, ano XI, n.º 112 — 1953.
- 33 — "Geografia dos Solos" — *Boletim Geográfico*, ano XI, n.º 113 — 1953.
- 34 — "Geografia do Litoral" — *Boletim Geográfico*, ano XI, n.º 114 — 1953.
- 35 — "Notas sobre as Zonas Econômicas do Território Federal do Acre" — *Boletim Geográfico*, ano XI, n.º 115 — 1953.
- 36 — "Oceanografia" — *Boletim Geográfico*, ano XI, n.º 116 — 1953.
- 37 — "Aspectos Geomorfológicos do Brasil" — *Boletim Geográfico*, ano XI, n.º 117 — 1953.
- 38 — "Observações Geográficas do Território Federal do Guaporé" — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XV, n.º 2 — 1953.

- 39 — "Evolução, definição, objeto e divisões da Geografia" — *Boletim Geográfico*, ano XII, n.º 118 — 1954.
- 40 — "Geografia Econômica" — *Boletim Geográfico*, ano XII, n.º 119 — 1954.
- 41 — "Solos" — *Boletim Geográfico*, ano XII, n.º 120 — 1954.
- 42 — "Águas subterrâneas, águas correntes, ciclo de erosão. Peneplano" — *Boletim Geográfico*, ano XII, n.º 121 — 1954.
- 43 — "Aspectos Geográficos do Território Federal do Acre" — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XVI, n.º 2 — 1954.
- 44 — "Elaboração de um dicionário geográfico" — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XVI, n.º 3 — 1954.
- 45 — "Ilha Soares" — *Boletim Geográfico*, ano XII, n.º 122 — 1954.
- 46 — "Ocorrência de lateritos na bacia do Alto Purus (Território Federal do Acre)" — Tese apresentada ao XI Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em Porto Alegre em 1954 e aprovado para publicação nos Anais — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XVIII, n.º 1 — 1955.
- 47 — "Notas sobre alguns sambaquis da cidade de Niterói" — *Anais da Faculdade Fluminense de Filosofia* — 1954.
- 48 — "Notas sobre a pecuária nos campos do Rio Branco" — *Boletim Geográfico*, ano XII, n.º 123 — 1954.
- 49 — "Notas sobre o relevo do Brasil" — *Boletim Geográfico*, ano XIII, n.º 124 — 1955.
- 50 — "Notas sobre as Habitações Rurais do Território do Rio Branco" — *Boletim Geográfico*, ano XIII, n.º 125 — 1955.
- 51 — "Notas a Propósito dos Depósitos Conchíferos de São Lourenço, Boa Vista e Chácara do Vintém (Niterói) — Estado do Rio de Janeiro" — *Boletim Geográfico*, ano XIII, n.º 126 — 1955.
- 52 — "Σημειώσεις επί τῶν κύριων κερρίκουλῶν τῆς Γεωγραφίας τῶν Φιλοσοφικῶν Σχολῶν" — *Boletim Geográfico* ano XIII, n.º 127 — 1955.
- 53 — "A roçaria Plácido de Castro e sua importância no povoamento e na colonização da região (Território Federal do Acre)" — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XVI, n.º 4 — 1954.
- 54 — "Ocorrência de lateritos na bacia do Alto Purus" — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XVII, n.º 1 — 1955.
- 55 — "Os lateritos dos campos do Rio Branco e sua importância para a Geomorfologia" — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XVII, n.º 2 — 1955.

III — Comentários

- 1 — "L'homme et le Sol" de Henry Pratt — *Boletim Carioca de Geografia*, ano III, n.º 4 — 1950.
- 2 — "Fotografias aéreas" de Paul Chambart de Lauwe — *Boletim Geográfico*, ano IX, n.º 99 — 1951.
- 3 — "A propósito da Revista de Geomorfologia Dinâmica" — *Boletim Geográfico*, ano IX, n.º 101 — 1951.
- 4 — "Degradação dos Solos da Guiné Portuguesa" de A. Castro — *Boletim Geográfico*, ano IX, n.º 103 — 1951.
- 5 — "A noção de erosão no modelado do relevo terrestre de Jacques Bourcart" — *Boletim Carioca de Geografia*, ano IV, n.º 1 — 1951.
- 6 — "La Géologie" de André Cailleux — *Boletim Carioca de Geografia*, ano V, ns. 3 e 4 — 1952.
- 7 — "A propósito dos depósitos conchíferos no litoral do oeste africano" — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XIV, n.º 1 — 1952.
- 8 — "Pluviação e enxurrada" — *Boletim Paulista de Geografia*, n.º 18 — 1954.
- 9 — "Amazônia" — *Boletim Geográfico*, ano XII, n.º 129 — 1955.



ÍNDICE GERAL

Introdução.....	1
I — Aspectos Físicos.....	7
1) Geologia, Morfologia e Solos.....	7
2) Clima, Hidrografia e Vegetação.....	97
II — Aspectos Humano-Econômicos.....	124
1) Povoamento e Distribuição da População Atual.....	124
2) Centros Populacionais mais Importantes e suas Funções.....	136
3) Aspectos Gerais da Colonização. Principais Colônias Agrícolas.....	154
4) Aspectos Gerais da Economia e os Meios de Vida.....	164
5) Transportes e Comunicações.....	228
Conclusões.....	241
Bibliografia.....	246
Índice Analítico.....	253
Relação das Ilustrações.....	254



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**